
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Edição Especial N.5. Jan./Abr./ 2019 p. 05-27

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Linguagens e produções de sentidos como saberes culturais e práticas educativas

**Educação patrimonial no contexto escolar: uma proposta pedagógica para o
Centro de Atendimento Infantil Vó Olga/Amapá**

Patrimonial Education in the school context: a pedagogical proposal for the Vo
Olga Child Care Center/ Amapá

Piedade Lino Videira
Elivaldo Serrão Custódio
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Delcirene Videira da Silva
Centro de Atendimento Infantil Vó Olga
Mazagão Velho-Amapá-Brasil

Resumo

O artigo objetiva sensibilizar os profissionais do Centro de Atendimento Infantil Vó Olga sobre a relevância do conhecimento sobre o patrimônio cultural de Mazagão Velho/Amapá, transformando-os em recurso didático-pedagógico voltado para a valorização e salvaguarda das manifestações culturais negras presentes na comunidade, bem como promover a afirmação da identidade étnico-racial dos estudantes. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo etnográfico, que utilizou a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a entrevista como forma de investigação. Os resultados revelam que apesar dos dispositivos legais, a escola não tem uma proposta curricular para trabalhar a temática patrimonial bem como as festas tradicionais da comunidade de Mazagão Velho não estão incluídas nas práticas pedagógicas dos professores.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. Proposta pedagógica. Mazagão Velho-AP

Abstract

The article aims to sensitize the professionals of the Vó Olga Children Care Center about the relevance of knowledge about the cultural heritage of Mazagão Velho / Amapá, transforming them into a didactic-pedagogical resource aimed at valuing and safeguarding the black cultural manifestations present in the community, as well as to promote the affirmation of the ethnic-racial identity of the students. It is a research of qualitative ethnographic character, that used the bibliographical research, the documentary research and the interview as a form of investigation. The results show that despite the legal provisions, the school does not have a curricular proposal to work on the patrimonial theme, as well as the traditional festivals of the community of Mazagão Velho are not included in the pedagogical practices of the teachers.

Keywords: Patrimonial Education. Pedagogical proposal. New South Wales

Introdução

O patrimônio cultural é um conjunto de manifestações e representações de um povo, sendo evidenciado em todos os lugares e atividades que desenvolvemos, está presente também nas brincadeiras que fazemos e nas religiosidades que professamos. Além de que, a educação patrimonial configura a identidade étnica e determina os valores de uma sociedade, ou seja, é ele que caracteriza nossa autoafirmação racial e cultural.

O interesse em discutir essa temática surgiu a partir da disciplina Prática Pedagógica no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e foi aprofundado na disciplina Teoria e Prática do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, ministrada pela Profa. Dra. Piedade Lino Videira a qual foi a orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que deu origem a este artigo. O objetivo é sensibilizar os professores da escola sobre a importância de conhecerem o patrimônio cultural mazaganense e transformá-lo em material didático-pedagógico voltado para despertar a consciência patrimonial dos estudantes por meio do reconhecimento, da valorização e da salvaguarda das manifestações culturais negras presentes no Distrito de Mazagão Velho localizado no estado do Amapá. A questão-problema que norteia a pesquisa é: quais percepções do nível de importância pedagógica os professores possuem do patrimônio cultural de Mazagão Velho para a autoafirmação da identidade étnico-racial dos estudantes do Centro de Atendimento Infantil Vó Olga?

Para responder à questão-problema foi necessário fazer um estudo sobre o patrimônio cultural mazaganense, além de elaborar uma proposta didático-pedagógica de forma lúdica para trabalhar o patrimônio cultural de Mazagão Velho visando a afirmação da identidade negra/positiva dos educandos. A abordagem escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi a qualitativa, haja vista que ela é “caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado de informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas” (OLIVEIRA, 2008, p. 59).

Quanto aos procedimentos metodológicos, o tipo de pesquisa escolhido foi a pesquisa etnográfica, iniciada em 2013 a partir das observações no distrito de Mazagão

Velho, já que “permite ao informante ter um conhecimento de si mesmo, a possibilidade de conhecer seu grupo social, a sua sociedade e a sua cultura, trata-se de um conjunto de técnicas” (OLIVEIRA, 2008, p. 73).

A partir de um roteiro de perguntas semiestruturadas, foram realizadas entrevistas com seis mantenedoresⁱ da comunidade e cinco professores da escola/lócus, totalizando onze colaboradores. Tais entrevistas foram gravadas em áudio e tiveram a autorização dos (as) colaboradores (as) com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A fim de alcançar os objetivos suscitados acima, estruturamos este artigo em duas seções. Na primeira apresentamos o patrimônio cultural do Distrito de Mazagão Velho e na segunda abordamos o patrimônio cultural de Mazagão Velho como recurso didático- pedagógico no cotidiano do Centro de Atendimento Infantil vó Olga.

1. Conhecendo o Patrimônio Cultural do Distrito de Mazagão Velho no Amapá

Nesta seção abordaremos de maneira sucinta sobre o processo histórico da fundação da antiga Vila Nova de Mazagão atualmente distrito de Mazagão Velho, que se originou no continente africano e tinha por nome Mazagão, que foi transplantado pelos portugueses para a Mazagão na Amazônia no ano de 1769.

O Município de Mazagão foi criado pela Lei n. 226, em 28 de novembro de 1890, é localizado ao Sul do estado do Amapá e está entre seus municípios mais extensos, com um perímetro de 890 km². Atualmente, o município é constituído por três distritos: Mazagão Novo (sede), Carvão e Mazagão Velho.

Segundo Vidal (2008), a fundação de Mazagão é fruto da política portuguesa em Marrocos no século XVI. A política se inscreve no movimento de expansão do comércio pelo litoral do continente africano e também pela expansão da cristandade contra os reinos mouros: a fortaleza portuguesa de Mazagão foi construída em terras Marroquinas e abandonada em março de 1769. Os portugueses, pressionados pelos reinos mouros, retiraram-se do local e, com a evacuação, os habitantes da fortaleza de Mazagão, em Marrocos, foram enviados para a Amazônia, onde fundaram a Vila Nova de Mazagão. A esse respeito, a antropóloga Véronique Boyer (2008, p. 14-15) explica que:

A cidade de Mazagão da Amazônia, no começo apresentou atributos de uma vila colonial organizada, constituída de quartel, igreja, e intendência, porém, abandonada pelos poderes públicos, devido seu difícil acesso, com ambiente

desconhecido, que vitimou quase que todo povoado, com epidemias mortais. Mazagão perde a categoria de Vila, sendo transferida a sede do município para Mazaganópolis.

Assim, o contexto histórico de Mazagão Velho remete à relevância histórica do povo amapaense, ainda pouco estudada nas esferas do ensino público. Podemos citar como exemplo todo o legado cultural de origem africana e portuguesa que venceu as barreiras do tempo e perdura nos dias atuais como uma espécie de “registro vivo” de um riquíssimo patrimônio cultural Mazaganense que é repassado de geração em geração por meio da oralidade dos mantenedores/as dessa cultura ancestral, conforme veremos a seguir.

2. Patrimônio Cultural do Distrito de Mazagão Velho

Foi o que nossos antepassados nos deixaram... Sempre peço para meu Pai todo poderoso me de vida e saúde pra eu continuar sempre firme aqui na nossa comunidade, principalmente na cultura (Joaquina Jacarandá, 65 anos).

Nesta subseção abordaremos sucintamente acerca do patrimônio cultural de Mazagão Velho, dando ênfase às falas dos próprios sujeitos/colaboradores desta pesquisa, abordando à tradição oral, a memória, as identidades, as festas tradicionais, as crenças e as expressões de religiosidades que formam a cultura local, o território de Mazagão Velho, e todos esses elementos que juntos ressignificam à identidade negra local. Temos abaixo um reconhecimento em forma de homenagem expresso através de uma sucinta biografia dos mantenedores da referida comunidade:

Quadro 1 - Mantenedores da comunidade

	Joaquina da Silva Jacarandá (65 anos) , conhecida na comunidade pela alcunha de “Tia Joca”, participa ativamente das festividades locais. Além disso, faz parte da equipe de manutenção da igreja, ajuda nos novenários das festas e é a coordenadora na Festa de São Gonçalo e do Divino Espírito Santo, cargo esse que foi repassado pela sua mãe, a “Vó Olga”, no ano de 1997.
	José Batista da Silva (68 anos) , conhecido como o “Zeca Batista” na comunidade, é natural de Mazagão Velho. Exerce a função de mestre sala na comissão das festas de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Luz. Católico, participa das festividades desde os 16 anos de idade.

	Raimundo Conceição dos Santos (65 anos) , conhecido na comunidade como “seu Conso”, é natural da Foz do rio Mazagão e veio ainda bebê para Mazagão Velho. Participa ativamente das festas de Nossa Senhora Piedade, São Tiago e Nossa Senhora da Luz. É o coordenador dos mascarados no baile de máscaras, na festa de São Tiago e orienta os brincantes.
	Elivaldo Pinto Soares (57 anos) , conhecido como “Elizardo”, nasceu em Mazagão Velho, é católico e participa das manifestações culturais da comunidade. Além da Festa de São Tiago, é também folião da Festa de Nossa Senhora da Piedade, desde que possuía aproximadamente 15 anos. Ele é produtor das máscaras, que são confeccionadas com papel machê, há aproximadamente 42 anos. Sua produção é utilizada pelos brincantes na festa de São Tiago, no baile de máscaras, que ocorre anualmente no dia 24 de julho na referida comunidade.
	Jozué da Conceição Videira (50 anos) , conhecido na comunidade como “Juca”. É católico, nasceu em Mazagão velho, negro e faz parte da nova geração de mantenedores das festas tradicionais locais. Participa das festividades há 30 anos, sendo que desde criança foi incentivado a participar por muitas pessoas da comunidade.
	Raimundo Ferreira Santos (73 anos) , mais conhecido como “Seu Galça”, nasceu na vila de Mazagão Velho e participa das festividades culturais do local. Tem um cargo na Festa Nossa Senhora da Piedade, na qual ele segura a labada da santa. Além disso, ele é um dos caixeiros e fabrica os cavalinhos de miriti para a festa de São Tiago. Os cavalinhos e a caixa são instrumentos construídos manualmente.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Como ponto de partida, é relevante conhecermos a base conceitual sobre patrimônio cultural em voga em nosso país. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, define Patrimônio Cultural Brasileiro como sendo: “Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência a identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2003, p. 97).

Ainda em termos conceituais, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) enfatiza que a ideia de patrimônio não está limitada apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade ou população “mas também se estende a tudo aquilo que é considerado valioso pelas pessoas, mesmo que isso não tenha valor para outros grupos sociais ou valor de mercado” (BRASIL, 2012, p. 12).

De acordo com o conceito de patrimônio cultural utilizado pelo IPHAN, quem deve legitimar o patrimônio é a própria comunidade. Desta forma, observamos que os/as mantenedores/as das festas tradicionais/religiosas de Mazagão Velho exercem seu

protagonismo e certa autonomia para realizarem as celebrações que formam o vasto calendário cultural da comunidade. Dentre as festividades culturais/religiosas que transcorrem anualmente na vila, destacamos que a Festa de São Tiago é uma das únicas que recebe apoio institucional e midiático do governo do estado do Amapá.

Na tentativa de sabermos o que pensam os moradores da comunidade, destacamos as falas de alguns munícipes que exercem um “protagonismo político”, ou melhor, desempenham funções específicas para “manter” o patrimônio cultural da vila. Perguntamos ao entrevistado/colaborador Jozué da Conceição Videira (50 anos) o que ele entende por patrimônio cultural e ele responde: “patrimônio é a nossa história, é toda a vila. A vila por inteiro é um patrimônio. Cada um como cidadão deve prestar serviço para contribuir não só para a permanência como também para fortalecimento daquilo que temos”.

Na fala do entrevistado/colaborador, observa-se que, para ele, patrimônio abrange o território e todos os que nele habitam, como forma de identificá-lo em sua relevância. Jozué também deixou explícito que o papel dos membros da comunidade é condição essencial, ou seja, “um dever” para salvaguardar as heranças culturais do local. Já outros moradores da comunidade, quando questionados sobre o que compreendem por patrimônio cultural, externalizaram mais sobre o que sentem do que realmente pensam sobre o conceito.

Segundo essa temática, o documento do IPHAN (2016, p. 8) afirma que o patrimônio cultural “faz parte da vida das pessoas de maneira tão profunda que, algumas vezes, elas sequer conseguem dizer nem o quanto ele é importante e por quê. Mas, caso elas o perdessem, sentiriam sua falta”. Por isso, os sentimentos de nossos colaboradores deixaram evidente que eles nutrem pela cultura de Mazagão um profundo respeito, valorizam-na e cuidam para que ela jamais seja esquecida. Podemos observar esse pensamento na narrativa de José Batista da Silva “Seu Zeca” (68 anos):

Eu gosto de sempre está presente nas festividades [...] Mazagão é minha terra natal, estou muito feliz de estar aqui, ainda mais nessa época, neste princípio de mês de julho, que é o início das festas tradicionais como Piedade, São Tiago e Divino... Eu não gosto de faltar. Eu gosto de estar sempre presente na minha atividade, naquilo que eu tenho que fazer.

Seguindo esse mesmo pensamento, Joaquina da Silva Jacaranda “Tia Joca” (65 anos) nos afirma: “Eu faço de tudo para isso não acabar... Eu quero manter a nossa cultura sempre viva”. Ela ressaltou que os seus saberes tradicionais são transmitidos aos seus descendentes e às demais crianças da comunidade, sendo que muitas crianças auxiliam nos cantos e nos novenários e já aprenderam a cantar as ladainhas, inclusive em *latim*.

Com base nessas informações, verificamos que a tradição oral é um instrumento essencial e fundamental para a preservação da cultura do distrito de Mazagão Velho. Por outro lado, os saberes e expressões culturais, guardados nas memórias dos mais velhos não devem ser apagados, mas sim partilhados, para que haja a preservação dessa memória e, conseqüentemente, a valorização da identidade racial e do pertencimento dos moradores da comunidade pela cultura e tradição local.

2.1. Categoria Celebrações

Antes de apresentar imagens, narrativas e breve descrição acerca das referências patrimoniais e culturais de Mazagão Velho, é importante enfatizar que:

O patrimônio cultural torna-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações (BRASIL, 2016, p. 5).

Nessa perspectiva, aprendemos que a comunidade deve ser a protagonista do processo de inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe concerne como patrimônio, segundo o que é exposto no livro do IPHAN (2016).

Nesse contexto, elegemos alguns exemplos da riqueza cultural de Mazagão para apresentar resumidamente neste texto. Nessa mesma proposta, ainda a respeito da Festa de São Tiago, no livro/reportagem o jornalista Gabriel Penha (2017, p. 38) afirma que:

[a Festa de São Tiago] é realizada ininterruptamente desde o ano de 1777 e mistura sincretismo religioso, cavalhada e teatro a céu aberto para retratar a guerra entre mouros e cristãos, narrando em cenário aberto todo o contexto lendário da aparição de São Tiago como soldado anônimo que pediu a Deus para tornar o dia mais longo e lutar ao lado do povo de Jesus Cristo.

A referida festa é toda encenada e está dividida em vários episódios: entrega dos presentes, baile de máscaras, missa campal e procissão, passagem do bobo velho, roubo das crianças, morte do Atalaia, armadilha: emboscada cristã, aparição de Tiago e a vitória cristã.

Segundo Vidal (2008), a festa de São Tiago de Mazagão Velho celebra as lutas entre cristãos e mouros, ocorrida no continente africano, cuja origem remonta o período colonial, por volta de 1769. Outra celebração importante na comunidade é a Festa do Divino Espírito Santo, que de acordo com Boyer (2008, p. 17): “A organização da festa do Divino Espírito Santo depende por inteiro da boa vontade dos habitantes; [...] à exceção de alguns militantes negros, e os raros visitantes são parentes do Mazagão Novo”. Como bem ressalta a autora, a festa é organizada por um grupo de pessoas da comunidade, que há anos vem se dedicando à organização deste festejo.

Para Penha (2017) a festa do Divino é uma das manifestações mais antigas e difundidas no catolicismo popular com origem na África e Europa, e, realizada em Mazagão Velho há mais de um século. O ponto alto da festa é a coroação da Imperatrizⁱⁱ e o cortejo com suas empregadasⁱⁱⁱ, realizado após a reza em louvor ao Divino Espírito Santo, na igreja Nossa Senhora da Assunção, em Mazagão Velho.

Na festividade do Divino Espírito Santo existem ainda as empregadas do Divino, que são: a trinchante^{iv}, pega na capa,^v alferes Bandeira^{vi}, as varas douradas^{vii} e as paga-fogaças^{viii}. Vale destacar, ainda, que as meninas formam um quadrado com quatro varas, juntamente com as dançadeiras de Marabaixo^{ix}, todas vestidas a caráter, enriquecendo ainda mais a tradição cultural local. Apesar das dificuldades, esta e outras celebrações festivas/cultural/religiosas mantidas pela comunidade são realizadas pelos seus mantenedores e coordenadores com esforço, dedicação e apoio dos moradores, face à responsabilidade que expressam ter pelas heranças culturais que receberam de seus antepassados.

2.2. Categoria Lugar

O inventário participativo do IPHAN (BRASIL, 2016, p. 31) esclarece que alguns “territórios ou parte deles, podem ter significados especiais e costumam estar associados à forma como o território é utilizado ou valorizado pelo grupo; são as

experiências dessas pessoas que dão sentido especial ao lugar”. A esse respeito, o Distrito de Mazagão Velho possui vários lugares com valor cultural para si, em especial destaca-se o Rio Mutuacá, conforme a narrativa de Jozué da Conceição Videira (50 anos):

Ele [o rio] foi fundamental e continua sendo, porque na época era a única forma de entrada e saída de acesso à comunidade. Ele [o rio] era o responsável por tudo [no sentido de mobilidade das pessoas e abastecimento de alimentos]. Hoje, o Rio ainda é o único acesso para alguns ribeirinhos. Além disso, é uma forma de lazer para as pessoas.

Vale mencionar que, no referido rio, ocorrem cortejos fluviais de Nossa Senhora da Piedade e da comitiva do Divino Espírito Santo. Jozué da Conceição Videira relata que eles “simbolizam o pertencimento que cada um [morador da comunidade] tem com as suas tradições”. Além disso, às margens do rio Mutuacá, no Distrito de Mazagão Velho, foi construído um balneário para recepcionar os cortejos.

Outro ambiente que destacamos são as Ruínas da primeira igreja de Mazagão Velho, popularmente chamada de “Igreja Velha”, que foram objeto de pesquisa do arqueólogo Marcos Albuquerque no ano de 2003, advindo do laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)^x As pesquisas por ele desenvolvidas resultaram na descoberta dos achados que datam da fundação da Vila de Mazagão, o qual é constituído de 52 ossadas humanas dos primeiros moradores da região, enterradas nos alicerces das ruínas sobreditas.

2.3. Categoria Objeto

Nessa subseção serão apresentados objetos que fazem parte da Festa de São Tiago. Durante a festividade é encenada a batalha entre mouros e cristãos. A seguir, apresentamos os instrumentos de percussão, denominadas cabanas, ou seja, são caixas de toque do arauto^{xi} de São Tiago.

Figura 1 – Caixas do arauto



Fonte: Penha, 2016.

As caixas do Arauto são instrumentos musicais utilizados durante toda a programação de São Tiago, tanto na alvorada festiva^{xii} quanto na dança do vominê^{xiii}. Durante essa celebração, o vominê é dançado em residências de famílias tradicionais e dos festeiros^{xiv}. No seu depoimento, Raimundo Ferreira Santos (73 anos) relata: “quando eu era criança eu não sabia fazer outras coisas, mas eu já brincava de pular o vominê na festa de São Tiago”.

É relevante mencionar, também, outro objeto com valor simbólico para a comunidade mazaganense, em especial para as crianças: os cavalinhos de buriti^{xv}. Objetos produzidos especialmente para a Festa de São Tiago das crianças, sendo confeccionados da palmeira de mesmo nome, árvore comum na região. Na Festa de São Tiago das Crianças ocorre a encenação festiva da batalha entre mouros e cristãos; o que diferencia da festa tradicional dos adultos é que a encenação é realizada pelas crianças montados em cavalos de buriti.

Figura 2 – Crianças com cavalinhos de buriti



Fonte: Doralice Videira, 2016.

Os objetos utilizados nas festividades têm um valor sentimental muito grande para a comunidade mazaganense; por conta disso, o grupo Raízes do Marabaixo vem promovendo oficinas para as crianças da comunidade. Jozué da Conceição Videira relata que: “As nossas oficinas são completas. Elas têm o objetivo de não só ensinar a tocar, cantar, dançar, mas sim, você saber os pontos históricos, para que serviu. Sobretudo, as crianças aprendem a confeccionar, brincando, os objetos de maneira contextualizada”.

2.4. Categoria expressões

Nesta categoria, a ênfase é dada à dança Marabaixo de Rua, coordenada pela “Tia Joca” e demais dançadeiras do grupo. Vale lembrar, segundo a autora Videira (2012) que o Marabaixo^{xvi} pode ser conceituado como “Dança Dramático-Religiosa de Cortejo Afrodescendente”, realizado, principalmente, nos bairros do Laguinho e da Favela (conhecido também por Santa Rita) e em comunidades tradicionais do estado do Amapá.

Figura 3 - Marabaixo de Rua, em Mazagão Velho



Fonte: Penha, 2017.

As dançadeiras e os dançadores de Marabaixo são contagiados pelo ritmo magnetizante que ressoa das caixas de percussão tradicional, bem como pelo entoar de versos roubados da memória em forma de rima, os quais formam os ladrões^{xvii} nas cantigas de Marabaixo. Quanto ao entoar das cantigas, pode ficar a cargo dos tocadores das caixas e também das cantadeiras e cantadores que estiverem participando das festividades.

A imagem acima apresenta o Marabaixo de Rua, no qual a comunidade sai às ruas no dia 24 de agosto para louvar o Divino Espírito Santo. O bandeirista que aparece na imagem chama-se Fernando Valente. O cortejo em tela é constituído pela Comitativa do Divino, pelo Grupo Cultural Raízes do Marabaixo, grupos culturais que são convidados a participar da festa e a comunidade em geral. As festas afro-amapaenses servem como “elo de ligação intergeracional e parental” nas comunidades negras e quilombolas do Amapá, por isso são realizadas com seriedade, respeito e zeloso cuidado pelas comunidades.

Ainda sobre a categoria expressão, apresentamos a peça artística denominada “Cordão das Pastorinhas, realizado em Mazagão Velho”. Segundo o jornalista Gabriel Penha, (2016), é uma encenação que retrata sobre a vinda do Menino Jesus Salvador da

Terra, e é encenado por pessoas da própria comunidade de Mazagão, envolvendo crianças, adultos, homens e mulheres. A figura 4 mostra os personagens que compõem a equipe que contracenam no cordão das pastorinhas. Esse auto de Natal possui como principais personagens: mestra do cordão (tia Joca), José, Maria, o menino Jesus, dentre outros.

Figura 4 - Cordão das Pastorinhas



Fonte: Gabriel Penha, 2012.

Penha (2017, p. 74) afirma que:

O cordão das pastorinhas de Mazagão Velho foi trazido de Belém (PA), em 1909, pelas senhoras Ana Ayres e Dica Flecha, as quais observaram os ensaios da apresentação do autonatalino em uma praça da capital paraense. A encenação era feita por alunos do colégio Santo Antônio. As duas mazaganenses ficaram encantadas com o que viram. A peça foi reproduzida naquele mesmo ano na bucólica vila de Mazagão Velho.

Ainda segundo o autor, a peça necessitou ser adaptada à realidade local, sob a orientação de suas idealizadoras com o apoio da comunidade, as quais permaneceram à frente do folguedo durante muitos anos. Com o falecimento dessas mantenedoras, outras pessoas da comunidade passaram a assumir a gestão da atividade; entre elas queremos destacar a “tia Joca”, que até hoje organiza com muita dedicação o cordão das Pastorinhas encenado em Mazagão Velho.

2.5. Categoria de saberes

Os saberes tradicionais estão ligados às expressões culturais e são relevantes à manutenção e salvaguarda do patrimônio cultural da comunidade Mazaganense, como podemos observar na fala de Elivaldo Pinto Soares (57 anos), escultor das máscaras que são utilizadas, pelos brincantes da festa de São Tiago em Mazagão Velho: “é uma importância muito grande, eu fico feliz. É mais um sonho realizado [as máscaras] tanto

para mim quanto para os brincantes”. Durante a realização da entrevista com senhor Elivaldo Soares, podemos perceber que ele sente orgulho do seu ofício, além de que seu saber é relevante para os festejos de São Tiago. Saber este que ele domina com propriedade no que diz respeito à técnica da confecção das máscaras^{xviii}.

O artesão trabalha na confecção das máscaras desde o ano de 1975; no que concerne a isso, ele reitera: “no início eram poucas máscaras, 50, 70. Hoje em dia chego a produzir até 300 máscaras”. Dessa forma, o “seu Elizardo” está contribuindo para a manutenção e preservação do nosso patrimônio cultural.

Figura 5 - Senhor Elivaldo Pinto Soares e sua produção de máscaras.



Fonte: Delcirene Videira, dia 15 de julho de 2017.

Com o desenvolvimento desta pesquisa pudemos vivenciar que as narrativas orais dos sujeitos/colaboradores da pesquisa permitiram dimensionar e mensurar o quão relevante é o patrimônio cultural de Mazagão Velho para a comunidade local. Nas entrevistas realizadas foi possível perceber que a maioria dos professores e das professoras que trabalham na escola localizada na no Distrito de Mazagão Velho, ainda não despertaram para a importância de conhecer e trabalhar esse patrimônio imaterial no ambiente escolar. Isso é perceptível nos depoimentos abaixo:

Professor P1: não sei responder o que é patrimônio.

Professor P2: patrimônio imaterial, são patrimônios que não são materiais, sobretudo, saberes, conhecimentos, festividades como por exemplo o calendário cultural da comunidade como Piedade, Divino, Nossa Senhora da Luz, etc.

Professor P3: patrimônio imaterial é a cultura do povo de Mazagão Velho, como a Festa de São Tiago, a Festa da Piedade, etc.

Professor P4: o patrimônio imaterial e o calendário das festas culturais de Mazagão, como a Festa de São Tiago, a Festa do Marabaixo, de São Gonçalo, então são todas as festividades da comunidade.

Professor P5: temos muitos patrimônios imateriais, como a Festa da Piedade, o nosso patrimônio religioso e precisamos levar as crianças nas ruínas para que elas percebam que isso irá fazer parte do seu dia a dia na comunidade.

De acordo com esses depoimentos, verificamos que os professores/colaboradores da pesquisa, professores no Centro de Atendimento Infantil Vó Olga têm limitada noção do que é patrimônio cultural. Por isso as festividades locais são tratadas de maneira pontual na escola, apenas na data comemorativa, como apenas um feriado. Assim, à luz de toda a riqueza de conhecimentos que este estudo oportunizou, elaboramos um desenho de “proposta pedagógica” para ser apresentada e disponibilizada à comunidade escolar do Centro de Atendimento Infantil Vó Olga. Isto para que toda a comunidade passe a valorizar e preservar as riquezas culturais do Distrito de Mazagão Velho, já que até o momento, a maioria dos professores e das professoras que trabalham na escola, não deram relevância para o patrimônio cultural da comunidade no currículo escolar.

3. O patrimônio cultural de Mazagão Velho como recurso didático pedagógico no cotidiano da escola Centro Educacional Vó Olga

“A nossa cultura deve ser preservada para os nossos filhos, netos e bisnetos e quem mais vir” (Raimundo Conceição dos Santos, 65 anos).

Nessa seção, apresentamos uma “proposta didático-pedagógica” elaborada para o Centro de Atendimento Infantil Vó Olga, tomando por base os dados obtidos através de um estudo empírico desenvolvido no Distrito de Mazagão Velho no primeiro semestre de 2017 de inventário das expressões culturais locais. De posse dos referidos dados, o desafio seguinte é tentar sensibilizar os professores para a relevância de incluirmos no Projeto Político Pedagógico e currículo do Centro de Atendimento Infantil Vó Olga a temática do patrimônio cultural, haja vista que Mazagão Velho possui uma vasta riqueza patrimonial que inicia com as pessoas e se cristaliza nos monumentos e nas expressões culturais locais.

3.1. Centro de Atendimento Infantil Vó Olga

... A Deus canto das rosas
descanso dos passarinhos
seu nome foi relatado na boca de meu benzinho...
(Ladrão de Marabaixo, preferido de Vó Olga).

Apresentamos esta subseção relembrando o refrão da cantiga de Marabaixo que Olga Valente Jacarandá, conhecida como “Vó Olga” mais gostava. Mulher ousada, proativa e revolucionária que foi homenageada, ainda em vida, como patrona da escola municipal de Mazagão Velho. “A Vó Olga era uma parteira que pegou muitas crianças em Mazagão velho”, afirmou sua filha Joaquina da Silva Jacarandá. A homenagem foi concedida a ela em reconhecimento pelo fato de ser uma renomada parteira e por seu protagonismo nas celebrações e festejos culturais/religiosos da comunidade: “Vó Olga” era agricultora, zeladora da igreja, mãe de 16 filhos, [...] participava ativamente da Festa de São Gonçalo, realizada em janeiro e da Festa do Divino Espírito Santo, realizada em agosto”.

A instituição recebeu o nome de Centro de Atendimento Infantil Vó Olga em 1997. Atualmente, o centro oferece à comunidade vagas em turmas de Educação Infantil (maternal, 1º e 2º período) e Ensino Fundamental I (1º a 4º ano), possuindo 178 estudantes matriculados. O quadro de funcionários da escola é composto de: um diretor, uma secretária, dez professores, duas merendeiras, dois serventes, dois auxiliares de ensino e dois vigilantes, totalizando dezesseis funcionários.

Quanto à escolha do *lócus* de pesquisa, evidenciamos algumas razões que nos motivaram a centrar esta pesquisa na área educacional: elas foram inspiradas em princípios da pesquisa etnográfica, em uma tentativa de adaptar a etnografia à educação (OLIVEIRA, 2008). Tal escolha justifica-se pelo fato de termos verificado que a temática sobre patrimônio cultural e diversidade étnico-racial dificilmente são abordadas pelos professores. Nas raras vezes que são, isto ocorre de forma descontextualizada, deixando de privilegiar toda a gama histórica e cultural da referida comunidade. Isso é possível perceber nas narrativas dos professores que seguem:

Professor P1: Não, nunca trabalho o patrimônio cultural.

Professor P2: De maneira explícita não, as representações das festividades estão presentes na escola.

Educação patrimonial no contexto escolar: uma proposta pedagógica para o Centro de Atendimento Infantil Vó Olga/Amapá

Professor P3: É difícil trabalhar porque o conteúdo programático é seguido. Isso porque a escola não possui nenhuma proposta formal que possa ser discutida nem no início nem do decorrer do ano. Isso faz com que seja complicado trabalhar essa questão do patrimônio de Mazagão Velho. Mas sempre que é possível, dentro de uma data comemorativa, eu levo CD, instrumento, ou as músicas para que as crianças ouçam, trabalho uma letra de música.

Professor P4: Não, nunca trabalhei o patrimônio cultural em sala de aula.

Professor P5: Não da forma que gostaria, trabalho de maneira superficial. É preciso que essa base curricular esteja no PPP da escola. Ainda há um outro problema são as diversas religiões em sala de aula e as pessoas costumam confundir conhecimento com religião e é preciso separar a questão religiosa, religião com saberes (...).

Outro motivo é demonstrado por Matos (2004, p. 9):

[...] a escola, em seu silêncio, está permitindo a disseminação dos preconceitos raciais, gerando problemas psicológicos de rejeição, perda de autoestima, complexo de inferioridade e vergonha nas crianças negras em relação à sua raça [bem como em relação às suas heranças ancestrais negras e indígenas – entre elas, as expressões do patrimônio cultural afro-brasileiro e indígena]”.

É possível perceber que a escola é essencial no processo de afirmação da identidade negra, que perpassa também pelo patrimônio cultural de origem africana. Podemos citar como exemplo as festas: Divino Espírito Santo, São Gonçalo, Nossa senhora da Piedade, Nossa Senhora da Luz, dentre outras.

A Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino de todo o país. É oportuno reiterar que essa Lei foi uma grande conquista dos movimentos sociais negros do Brasil no afã de que, finalmente, nós brasileiras e brasileiros possamos conhecer a nossa própria história, ou seja, a história de nossas ancestrais africanos, afro-brasileiros e indígenas, lamentavelmente, invisíveis no currículo formal da maioria das escolas do nosso País e local. Assim, tentando contribuir com o processo de materialização da Lei n. 10.639/03, através da educação patrimonial na escola lócus de pesquisa, apresentamos uma proposta pedagógica que foi elaborada com base nos dados empíricos, via narrativas orais obtidas no diálogo que desenvolvemos com os/as sujeitos/colaboradores/as de Mazagão Velho.

3.2. Proposta didático-pedagógica para trabalhar o patrimônio cultural de Mazagão Velho de forma lúdica na escola Centro de Atendimento Infantil Vó Olga

É relevante mencionar que o aprendizado decorrido das leituras sobre o tema/problema de investigação, bem como a experiência de iniciação científica relevante que pudemos experienciar durante a coleta de dados no Distrito de Mazagão Velho, enfatizando o patrimônio cultural local, nos permitiu refletir sobre nossa própria trajetória acadêmica e prática como professores. Lamentavelmente, mesmo com a promulgação da Lei n. 10.639/2003, ampliada pela Lei n. 11.645/2008, que tornaram obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena no âmbito de todo o currículo escolar, essa temática étnico-racial ainda é desprestigiada no contexto escolar.

Face ao exposto, não poderíamos continuar inerte diante de tal constatação, haja vista que as lacunas por nós vividas no âmbito escolar não podem continuar sendo repassadas às crianças da instituição a qual desenvolvo minhas atividades laborais.

Após nosso contato com literatura que discutem sobre relações raciais e educação para as relações raciais, percebemos que nós educadores/as somos “peças-chave” no combate ao racismo e precisamos ter compromisso político e militante com a defesa da educação antirracista. A partir de então, começamos a desvelar as faces do racismo e de invisibilidade da cultura e do patrimônio cultural afro-brasileiro e local na escola que laboro. Passamos a considerar anormal as relações verticalizadas, a supremacia branca e o currículo eurocentrado praticado na escola, a qual está sediada em uma comunidade que reivindicou sua identidade como negra, conforme identificou Boyer (2008), e se orgulha da riqueza cultural que herdou de seus ancestrais negros, muito mais do que suas heranças portuguesas.

Tratando-se de heranças ancestrais, os mantenedores possuem um papel fundamental para a perpetuação das raízes negras, e como a instituição escolar é uma esfera de propagação e valorização dos saberes, perguntamos aos profissionais da instituição se a escola convida ou convidou os mantenedores da comunidade para partilharem seus saberes dentro do ambiente escolar. Infelizmente foram unânimes as respostas negativas no discurso dos professores/colaboradores, as quais podemos verificar a seguir:

Professor P1: Não. Não há nenhum incentivo.

Professor P2: Não, acredito que para a escola isso seja irrelevante.

Professor P3: Não a escola nunca convidou nenhum morador nem uma dessas pessoas que são responsáveis pelas festas locais.

Professor P4: Não, nunca foi convidado ninguém para partilhar seus conhecimentos na escola.

Professor P5: Ainda não, embora que necessário. Essas questões ainda são os entraves dentro da escola, levar o saber popular pra dentro sala de aula, e aí que vai começar uma riqueza muito grande, a disseminação desse conhecimento para os jovens começando desde pequenino até as outras séries que ele possa cursar.

Assim, ousamos elaborar uma proposta pedagógica que trabalhe esses temas, face à necessidade de produção de material específico na escola lócus de investigação, que leve em consideração as particularidades do local em que a escola está inserida. Esperamos que essa proposição seja capaz de sensibilizar os/as professores/as para a importância de se trabalhar o patrimônio cultural como recurso didático-pedagógico para promover também o debate racial, principalmente para a afirmação da identidade negra dos estudantes. Além disso, a proposta tem como fundamentação teórica à própria Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003, que postula sobre o direito que os estudantes têm de conhecer a história e cultura afro-brasileira, africana e local nas escolas.

A proposta pedagógica via patrimônio cultural ora apresentada, leva em consideração à ludicidade e seus princípios teóricos e metodológicos. Para Cunha (2016, p. 14), “a introdução real da ludicidade no cotidiano escolar permite vivências transformadoras para professores e alunos, pelas experiências formativas que proporciona”. A autora reitera que o lúdico pode auxiliar em um processo fundamental para a construção de uma sociedade brasileira realmente democrática.

Assim, na presente proposta, anunciamos duas ações didático-pedagógicas para a escola/ lócus do estudo. Na primeira ação, deverá ser apresentado aos professores o aporte teórico a respeito da aplicação da Lei n. 10.639/2003, além de frisar sobre a importância da escola para autoafirmação da identidade étnica dos alunos. Outro ponto que deverá ser abordado na formação, será a utilização do inventário participativo como recurso pedagógico para os professores, além de, claro, apresentar o patrimônio cultural de Mazagão Velho aos professores e sua relevância para promover o pertencimento

cultural e afirmação da identidade negra entre as crianças e si próprios no combate ao racismo, conforme detalhamento a seguir:

Quadro 3 - Primeira Ação – Atividades Didático-Pedagógicas

ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS	OBJETIVO
Formação pedagógica com os professores da escola/ lócus	<ul style="list-style-type: none"> • Debater acerca da Lei n. 10.639/2003 e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira. • Apresentar o Inventário Participativo (Iphan) como recurso pedagógico para os professores; Expor depoimentos da importância do patrimônio de Mazagão; Despertar nos professores a responsabilidade pela valorização e salvaguarda do patrimônio de Mazagão.
Oficinas de Estratégias para utilizar o Inventário Participativo e para a elaboração de materiais para atividades lúdicas	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de Estratégias para utilizar o Inventário Participativo como recurso pedagógico.

Fonte: Autores da pesquisa, 2017.

Na segunda ação ocorrerá uma oficina que será dividida em duas etapas: a 1º etapa consiste em elaborar juntamente com os professores um inventário participativo do patrimônio cultural de Mazagão Velho, para depois aplicar o resultado desse inventário em sala de aula; já a 2º etapa consiste em partilhar com os professores alguns jogos temáticos, que podem ser utilizados para trabalhar o patrimônio cultural de forma lúdica. Segue um quadro onde descrevemos as possibilidades de jogos, os materiais a serem utilizados para a confecção dos mesmos, bem como os procedimentos metodológicos necessários para a execução das brincadeiras.

Quadro 4 - Segunda Ação – jogos temáticos

JOGO	MATERIAIS UTILIZADOS	COMO JOGAR
<p>AMARELINHA DOS SABERES TRADICIONAIS</p> <p>Categoria trabalhada: Celebrações</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fita decorativa (colorida); • Imagens e palavras de algumas festas que são realizadas na comunidade; • Tesoura; • Cola; • Papel Paraná; • EVA; • Número de 1 a 10. 	<p>Formar dois grupos na turma e escolher um componente de cada grupo para ir jogar. A brincadeira tem uma base, um caminho dividido em casas de um a dez (1 a 10), desenhadas no chão da sala, com imagens dos saberes locais. O jogador atira a pedra em uma casa, na qual não poderá pisar, e deve falar de qual saber a imagem trata. Ao retornar o percurso, apanha a perda e responde uma pergunta, que representa o número e imagem. Ganha o jogo o grupo que acertar mais respostas, e concluir o percurso sem errar. Regras: o participante que errar o alvo ou perder o equilíbrio</p>

Educação patrimonial no contexto escolar: uma proposta pedagógica para o Centro de Atendimento Infantil Vó Olga/Amapá

		passa a vez para outra equipe.
DADO DE IMAGENS LUGARES D E MAZAGÃO VELHO Categoria trabalhada: lugares	<ul style="list-style-type: none">• Caixa de papelão quadrada;• Papel A4;• Cola de isopor;• Fita durex;• Palavra e imagens de lugares, Mazagão velho;• Tesoura.	O professor dividirá a turma em dois grandes grupos, cada equipe elege um participante para representá-los na brincadeira. O professor apresenta as imagens e nomes de cada lugar colados no dado. Em seguida, disputa-se quem iniciará o jogo, entre par ou ímpar. O primeiro participante atira o dado para o alto, quando este cair no chão os jogadores terão de falar o nome da imagem e sua localização. Em uma tabela o professor vai computando o número de acerto de cada equipe, vence o jogo a equipe que fizer mais acerto. Observações: as equipes podem revezar os seus representantes até que todos participem.
JOGO BOLICHE DOS OBJETOS CULTURAIS Categoria trabalhada: objeto	<ul style="list-style-type: none">• 10 garrafas pet; 1 bola• Imagens de objetos• Contact;• Papel A4;• Cola;• Tesoura.	Formar dois grupos na turma e escolher um componente de cada grupo para efetuar a jogada do boliche. Enfatize, através do jogo, a representação numérica e o nome do objeto derrubado. Em uma tabela, o professor com ajuda dos alunos irá fazer a marcação dos pontos das equipes.
DOMINÓ DAS EXPRESSÕES CULTURAIS DE MAZAGÃO VELHO Categoria trabalhada: expressões	<ul style="list-style-type: none">• Imagens impressas das expressões artísticas;• Cola;• Tesoura;• Papel paraná;• Papel Contact.	Brinca-se como no jogo tradicional, o monitor pede aos alunos que os alunos virem as peças com as ilustrações para baixo, cada jogador escolhe 6 peças e se inicia o jogo. Escolhe-se por sorteio o primeiro a jogar, este deve jogar uma peça e coloca-la na mesa. O próximo deverá escolher uma peça que tenha em um dos lados parte da mesma imagem da primeira. Quando o aluno não tiver a mesma peça, para encaixar na sequência, ela deverá pegar outra peça na mesa.

Fonte: Autores da pesquisa, 2017.

O anseio é de que, com essa proposta ora apresentada, o Centro de Atendimento Infantil Vó Olga possa desenvolver ações nas quais a escola promova educação patrimonial e pertencimento racial dos estudantes pelo viés da cultura local.

Considerações Finais

A pesquisa sobre o patrimônio cultural em Mazagão Velho nos proporcionou constatar o valor sentimental que os mantenedores têm com as manifestações culturais da comunidade. Isto nos faz refletir sobre o que a escola tem feito para promover discussões sobre a importância do Patrimônio Cultural de Mazagão Velho, como forma de construção da identidade negra dos estudantes do Centro de Atendimento Infantil Vó Olga.

Verificamos que, apesar dos dispositivos legais, a escola não tem uma proposta curricular pedagógica para trabalhar a temática patrimonial; além disso, as festas tradicionais de Mazagão Velho não estão incluídas nas práticas pedagógicas dos

professores. De fato, o que ocorre é um planejamento de atividades referentes às datas comemorativas realizadas no decorrer do ano letivo, mas sem serem contextualizadas. Essa realidade circundante nos fez refletir e elaborar uma proposta pedagógica lúdica baseada na Lei n. 10.639/03 para incentivar os professores trabalharem o patrimônio cultural de Mazagão Velho no Centro de Atendimento Infantil Vó Olga, proporcionando aos estudantes o direito de conhecer a história de seus ancestrais e o legado cultural/religioso que lhes foi conferido como patrimônio cultural ao longo dos séculos de fundação da Vila de Mazagão Velho.

Esperamos que, através da proposta pedagógica direcionada ao Centro de Atendimento Infantil Vó Olga, os professores sensibilizem-se e percebam a relevância do patrimônio cultural como uma possibilidade de promover nos estudantes uma identidade positiva e um pertencimento cultural para desarraigar o preconceito ou qualquer forma de discriminação racial.

Referências

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 2003.

BRASIL. **Patrimônio cultural Imaterial**: para saber mais. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 3. ed. Brasília-DF, 2012.

BRASIL. **Educação Patrimonial**: Inventários Participativos: manual de aplicação. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília-DF, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BOYER, Véronique. Passado português, presente negro e indizibilidade ameríndia: o caso de Mazagão Velho, Amapá. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 2008.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras Africanas para a educação cultural**. Castanhal: Edição do autor, 2016.

MATOS, Maria Zilá Teixeira de. **Bonecas Negras, Cadê?: o negro no currículo escolar/sugestões práticas**. Belo Horizonte: Mazza, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PENHA, Gabriel. **Festa de São Tiago: Uma Epopeia no Coração da Amazônia, 239 anos - de 1777 a 2016**. 3. ed. Mazagão, 2016.

PENHA, Gabriel. **Povo de cultura e Fé**: exposição fotográfica itinerante e livro fotográfico das festas religiosas, tradicionais e culturais de Mazagão Velho/AP. 2017.

VIDAL, Laurent. **Mazagão, A Cidade Que Atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Tradução. Marcos Marcionilo. São Paulo. Martins, 2008.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: UFC, 2009.

Sobre os autores

Piedade Lino Videira

Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta da Universidade Federal do Amapá, lotada no Curso de Pedagogia. Integro o Corpo Docente do Mestrado em Educação (Ppged/UNIFAP). Atuo nas áreas de: Arte/Educação; Educação, Cultura e Identidade Étnica; Patrimônio Cultural Afro-brasileiro; Relações Étnico-Raciais com Ênfase em Educação Quilombola. Sou líder do grupo de estudo intitulado (GEPEI)- Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção Pedagógica em Corporeidade, Arte, Cultura, Educação das Relações Raciais com Ênfase em Educação Quilombola- Certificado pelo CNPq. Estou cursando o Pós-Doutoramento junto à Faculdade de Educação/Faced-UFC, na linha de pesquisa: História e Memória da Educação (NHIME). Sou autora dos Livros: Marabaixo, Dança Afrodescendente: Significando a Identidade Étnica do Negro Amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009 e, Batuques, Folias e Ladainhas: A Cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2012. Sou membro da Academia Amapaense de Letras do Estado do Amapá (AAL). E-mail: piedadevideira@bol.com.br; piedadevideirao8@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5325-9073>

Elivaldo Serrão Custódio

Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Mestre em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá. Pedagogo, Matemático e Teólogo. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq). Editor Associado da Revista *Identidade* da Faculdades EST, São Leopoldo-RS. Atualmente é professor permanente no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP). Coordenador e professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Madre Tereza em Santana/Amapá/Brasil. E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2947-5347>

Delcirene Videira da Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá. Professora na Escola Centro de Atendimento Infantil Vó Olga em Mazagão Velho-AP. E-mail: delcivideira74@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5589-0432>

Notas

- ⁱ Mantenedores são pessoas da comunidade que realizam as festividades culturais e se esforçam para manter tradições, com seu tempo e recursos próprios.
- ⁱⁱ Uma referência à Princesa Isabel, signatária da Lei Áurea publicada em (13/05/1888), é a mulher soberana da corte.
- ⁱⁱⁱ Grupos de meninas que auxiliam a princesa durante o cortejo.
- ^{iv} Responsável pelas joias da princesa.
- ^v Responsável pelas vestimentas da princesa.
- ^{vi} Carrega a bandeira real.
- ^{vii} Fazem a segurança da corte.
- ^{viii} Responsáveis em preparar a alimentação da corte.
- ^{ix} Dança Dramático-religiosa de Cortejo Afrodescendente, que representa a história e cultura do afro amapaense.
- ^x A referida pesquisa foi solicitada pelo Iphan e financiada pelo governo do estado do Amapá.
- ^{xi} O toque do arauto trata-se das batidas nas caixas (instrumento de percussão rustico) do mensageiro que anuncia a proclamação solene, o que ocorre durante a encenação da Festa de São Tiago.
- ^{xii} Alvoradas festivas são manifestações que envolvem foguetes, instrumentos musicais, cantorias e versos que marcam o começo de um dia festivo.
- ^{xiii} Vominê é uma dança que comemora a vitória dos cristãos na batalha entre cristãos e mouros.
- ^{xiv} Festeiros são moradores responsáveis pela festa, ou os personagens da encenação.
- ^{xv} São brinquedos confeccionados com buriti (palmeira).
- ^{xvi} O Marabaixo do estado do Amapá recebeu o registro de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, por unanimidade, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no dia 08 de dezembro de 2018. A cerimônia de votação ocorreu no Museu Histórico do Pará, em Belém.
- ^{xvii} Os ladrões de Marabaixo são os versos cantados e, muitas vezes, improvisados. Estão associados a uma realidade histórica e/ou atual.
- ^{xviii} Outro fator importante: seus saberes tradicionais estão sendo compartilhados com sua família na confecção das máscaras, como fonte de renda familiar.

Recebido em: 12/11/2018

Aceito para publicação em: 27/12/2018